

AUDIÊNCIA PÚBLICA

Centro Histórico pode ter fórum permanente

ALBENÍSIO FONSECA
REPÓRTER

A vereadora Aladilce Souza (PCdoB) propôs, ontem, durante audiência pública promovida pela Câmara de Vereadores no auditório do Edifício Bahia Center, a criação de um "fórum permanente para discutir o Centro Histórico de Salvador" e anunciou ter dado entrada em projeto de lei "isentando de ISS e IPTU as casas de espetáculo da cidade". Ela apontou como "acanhado" o investimento municipal em cultura e defendeu a inserção do sítio histórico, "inclusive a partir de um plano de mobilidade", no PDDU-Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano em elaboração pelos vereadores e ainda sem divulgação do calendário de audiências públicas.

Antes, nossos problemas se mostravam culturais antes de serem políticos. Agora, sem que se tenha superado essa equação, o que se percebe é o quanto problemáticas como a extinção dos cinemas de bairros e a ausência de políticas efetivas para o Centro Histórico de Salvador, tiveram ampliadas as demandas para questões como mobilidade urbana, avanço nos acessos a tecnologias da informação e da comunicação e segurança pública.

A estranheza de que o evento para debater cinema não contasse com representantes do circuito de filmes de arte da cidade, sob ameaça de fechamento por perda de patrocinadores, o evento contou apenas com representante do Cine Itau Glauber Rocha, Cláudio Marques; Dulce Ferrero, da Secult-Secretaria de Cultura do Estado; Chico Assis, subgerente de Espaços Culturais da Fundação Gregório de Mattos e do tenente-coronel David Lanzilloti, do Departamento de Comunicação Social da PM, represen-

tando o comandante geral da corporação.

Segundo Cláudio Marques, "diante do esvaziamento de pelo menos 1.500 imóveis e da redução das linhas de ônibus para o Centro Histórico, além da falta de estacionamentos e com a supressão da Zona Azul na área da Praça Castro Alves, o cenário para a frequência nas salas do equipamento, após seis anos da implantação, só fez piorar". Marques traçou um histórico do Cine Guarany, fundado em 1919 e que por cerca de 70 anos foi a principal sala de cinema de Salvador, revelando ter, anteriormente, abrigado a primeira produtora de cinema da Bahia. Disse da atividade de Francisco Python, mais destacado exibidor de filmes do estado, desde 1945 até 1978, quando afastou-se e acerca do fechamento do Guarany, em 1998, no que demonstrou seu empenho em resgatar aquele espaço.

Marques mencionou política cultural francesa, adotada há 10 anos, de levar estudantes às salas exibidoras uma vez por mês para assistir produções locais. "Optaram em formar platéias em lugar de despender recursos em publicidade". Iniciada com um público de cinco mil jovens, a iniciativa, segundo ele, já contempla milhões de estudantes e a programação foi estendida à filmografia mundial", disse sugerindo replicar o método na cidade.

Ele destacou o quanto "a ida ao cinema tem que ser vista como um elo para encontros" e salientou a importância do Centro Histórico como "fator identitário" para os habitantes da capital, ao fazer ver a expectativa em torno da reabertura do Teatro Gregório de Mattos e da Igreja da Barroquinha, convertida em espaço cultural, além da reforma do Palace Hotel e da possibilidade de retomada das obras do Hotel Fasano.



DEBATE

Audiência Pública aconteceu na tarde de ontem, no Edifício Bahia Center

Repensar a ocupação da cidade

Conforme Chico Assis, da FGM, o "corredor cultural" implantado com o Teatro Gregório de Mattos e o Espaço Barroquinha que contemplam a música, as culturas negra e LGBT proporcionaram um novo perfil para o local. Disse que desde junho o estacionamento do alto da Ladeira da Montanha tem funcionado nos finais de semana e que a Transalvador alega dificuldades operacionais para o funcionamento pleno durante os outros dias.

Assis revelou a existência de demandas de lojistas da Baixa dos Sapateiros e Barroquinha por realizações de atividades culturais pelo poder público, "desde que integradas com reforço na segurança", sem mencionar,

contudo, a existência de projetos em resposta aos comerciantes. Mas defendeu que "a segurança não pode estar restrita à frente dos equipamentos de cultura, mas circulando também no entorno desses espaços". Chico acenou com o propósito da gestão municipal de "ressignificar o Centro Antigo", no que propôs "ser necessário repensar a ocupação da cidade".

CORAL DA PM

O tenente coronel Lanzilloti apresentou como "boa notícia" a atuação do Batalhão Turístico, cujos policiais foram formados recentemente com especialização para demandas no Centro Histórico; recordou cinemas de bairro, como os cines

São Jorge e Brasil, na Liberdade, considerando que "a decadência dessas salas teve início já há bastante tempo, quando optaram pela projeção de filmes pornô".

Ele destacou, ainda, a repercussão importante que vem tendo o Cinema de Cachoeira, recuperado recentemente e pela relação com os cursos de Arte da UFRB-Universidade Federal do Recôncavo e revelou que o Núcleo de Teatro da PM passou a ocupar ontem um imóvel no Pelourinho. Mas a maior ênfase do oficial da Polícia Militar é de que seja "promovida pesquisa junto à população sobre o que significa a ida ao cinema e ao Centro Histórico. Segundo ele, "a Pituba é o bairro mais perigoso da cidade".

Pelô não deve ter só eventos musicais

Dulce Ferrero, da Secult, tomou como eixo da sua fala "a realidade da insegurança em Salvador" e defendeu "maior envolvimento de órgãos do estado com o município", como se a revelar a falta de projetos da Secretaria para o sítio tombado pela Unesco há 30 anos. Patrícia Santana e Fernanda, representantes do Território Metropolitano, propuseram uma "visão mais ampla e integrada" para intervenção na área tombada, vista sempre sob o limite da sua parte alta.

Dimitri Ganzelevitch, morador do Centro histórico há 40 anos, destacou que o local é "muito menos perigoso que outros bairros da cidade" e criticou a "falta de funcionamento pleno de ascensores como o Elevador Lacerda e os planos inclinados". Dimitri se disse "cansado de ver de ver o Pelourinho tratado como um mero parque para eventos musicais" e defendeu uma "política de ocupação para os 1.500 imóveis vazios e abandonados naquele trecho. O produtor Jorge Araújo, que trabalha com pessoas em situação de rua, demonstrou a importância das suas ações ao projetar filmes e disponibilizar livros, em pista de skate ameaçada de desativação nos Barris, como um exemplo vivo do que é possível ser feito.